



ALGUÉM CANTANDO ALGUMA CANÇÃO: Aprimorando o canto coral na escola pública.

Ana Lúcia Carneiro de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - ana_music12@hotmail.com

Valdier Ribeiro Santos Junior

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - valdier.jr@hotmail.com

Resumo:

Este artigo propõe uma reflexão sobre a prática do canto coral nas escolas públicas, apontando inferências a respeito da necessidade de uma formação docente como ponto norteador da prática do profissional que leciona música nas escolas públicas. Discorremos sobre a importância do ato de cantar e conduzimos o texto para uma compreensão do canto coral executado de forma consciente. Nossa ênfase está para a ampliação dos projetos nas escolas públicas, valorizando, com isso, o elemento humano acima de tudo, mas buscando sempre uma execução de qualidade. O aporte teórico traz autores que discutem sobre a prática do canto coral nas escolas. A metodologia convergiu-se numa análise a partir da prática pessoal, enquanto docentes das escolas públicas.

Palavras-chave: Canto Coral; Educação Musical; Formação Docente

ALGUÉM CANTANDO NA ESCOLA PÚBLICA.

O ato de cantar é tão simples e ao mesmo tempo bem empolgante, mas pode se tornar em algo vazio de significado. Isso pode ocorrer quando o docente não reflete sobre suas ações pedagógicas. É preciso refletir sobre uma das formas de expressão mais antigas de que se tem conhecimento e que utiliza o instrumento naturalmente humano. Welch (1994) afirma que a voz humana é o primeiro instrumento musical.

É inquestionável o aporte oferecido pelo canto coral em diversos espaços culturais, sejam nos contextos educacionais formais, informais ou não formais¹. No que se refere a escola pública, ou seja, nos contextos formais, este ainda é um assunto que merece ser melhor explorado.

¹ Segundo Libâneo (1994), os contextos formais, informais e não formais são espaços de aprendizagem. Os contextos “formais” são aqueles os quais fazem parte da rede de ensino e estão sob a regência do estado. Os “informais” são os contextos em que aprendemos em diversos espaços, sem a intenção pedagógica, como por exemplo: uma conversa entre dois amigos. Os contextos “não formais” são aqueles espaços que não estão sob a égide do estado, mas que há uma intenção pedagógica, como por exemplo: as escolas nas igrejas e nas ONGs.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Apropriamo-nos da frase musical do esplêndido representante da nossa MPB (Música Popular Brasileira), Caetano Veloso, quando diz: “Alguém Cantando”. Nela surge a nossa inspiração em propor este artigo, refletindo sobre a prática do canto coral no contexto das escolas públicas, bem como a formação dos profissionais que possam desenvolver um trabalho que se diferencie do que já temos visto e acompanhado ao longo dos anos.

Não temos a intenção de apresentar somente um olhar crítico depreciativo ao que já vem sendo realizado. Contudo apontamos para a escola pública, vislumbrando amplas possibilidades de desenvolvimento de projetos que envolvam o canto coral fora de um parâmetro exageradamente simplista.

TOURINHO (1993, p. 95), afirma que “Geralmente, pensa-se o canto apenas como uma atividade em si, sem concebê-lo como um meio para a compreensão mais ampla de conceitos musicais e sem analisá-lo como uma ação poderosa que serve a fins variados e contrastantes”. Complementa, argumentando que “o desejo de cantar e o prazer que esta atividade ocasiona são expressões que os fatos também nos deixam observar”. (TOURINHO, 1993, p. 100).

Já é recorrente e cristalizado no senso comum os discursos sobre as práticas do canto coral nas escolas públicas que estão em dissonância em relação à busca pela qualidade no fazer musical. Nesse sentido, partindo de uma observação das potencialidades existentes dentro do espaço escolar, consideramos oportuna levantar o debate sobre a necessidade de corais com mais qualidade técnica, não apenas atuando como algo a ser usado em momentos pontuais no ambiente escolar. É preciso, para além disso, pensar no coral como uma prática com inúmeras possibilidades dentro das escolas públicas.

ALGUÉM CANTANDO BEM

Retornando ao título: “Alguém cantando”, é evidente que o canto coral só existirá se o material humano para sua execução estiver envolvido no processo. Seria desnecessário fazer esta colocação tão óbvia, mas consideramos importante explicitar o que de fato enfatizamos nesta frase. Alguém cantando em qualquer lugar pode fazer sentido, e não há demérito nisto, porque o ato de cantar é algo *sui generis*. Por isso, quando nos referimos ao canto coral, em particular na escola pública, esse “alguém” necessita de um olhar diferenciado. O indivíduo não está ali para cantar de forma isolada ou distraída. O ato de cantar precisa fazer sentido tanto para quem escuta a música como para quem a executa.

Snyders (1992) aponta que a função mais evidente da escola é preparar os jovens para o futuro, para a vida adulta e suas responsabilidades. Mas ela pode parecer aos alunos como



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

um remédio amargo que eles precisam engolir para assegurar, num futuro bastante indeterminado, uma felicidade bastante incerta. A música pode contribuir para tornar esse ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem, afinal “propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente” (SNYDERS, 1992, p. 14).

Edgar Williems (1985) apresenta o ato de cantar como uma linguagem a ser explorada. Ele ressalta que o canto é de uma vez por todas a linguagem pela qual o homem se comunica aos outros musicalmente. “O órgão musical mais antigo, o mais verdadeiro, o mais belo é a voz humana. E é só a este órgão que a música deve a sua existência”. (WILLEMS, 1985, p. 25).

Considerando que a prática coral está em desenvolvimento na escola desde Heitor Villa-Lobos², não podemos idealizar algo extraordinário para este tempo. O modelo de Villa-Lobos, incontestavelmente, não se adéqua a realidade do século XXI para atender as demandas atuais da escola pública e seus enfrentamentos. Não nos referimos a modelos, mas a projetos estruturados. Suzuki (1994, p. 20) afirma que “O que não existe no ambiente não se desenvolve na criança”.

Se o ambiente é a escola, havendo a oferta de um trabalho musical de excelência, a criança provavelmente irá desenvolver-se nesta direção. Existem muitas formas de fazer música, mas nenhuma delas é tão participativa e eficaz quanto o ato de cantar, pois envolve não somente os mecanismos do corpo, mas a emoção.

Brécia (2011) afirma que cantar contribui com a aprendizagem, com a socialização, a descoberta do mundo e amplia a possibilidade para expressão das emoções. Além disso, o canto também pode ser utilizado como instrumento para que se aprenda a lidar com a agressividade. Diz ainda que “cantar é também uma maneira de expressar sentimentos profundos em relação a si mesmo e aos outros. Se cantar pode fazer um bem tão grande às pessoas, isto deveria ser mais explorado nas escolas” (BRESCHIA, 2011, p. 53-54).

Partimos da premissa que é possível realizar a música de qualidade utilizando músicas ~~simples do folclore brasileiro~~ ou cânones³ que podem ser executados com certa peculiaridade.

² Heitor Villa Lobos (1887 — 1959) foi um importante músico brasileiro. Idealizou e coordenou um importante projeto de musicalização nas escolas públicas brasileiras entre as décadas de 1930 a 1959. A ênfase de sua proposta era o Canto Coral denominado em sua época como Canto Orfeônico que se tornou uma disciplina obrigatória no currículo escolar, pelo Decreto nº 19.941 de 30 de abril de 1931.

³ Técnica ou peça em que uma melodia imita exatamente uma outra (normalmente a pequena distância, como se a estivesse perseguindo, mas sem nunca a alcançar. A imitação pode ser a duas, três ou mais vozes, em uníssono ou em intervalos diferentes. (Dicionário de Música ZAHAR, p. 64)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Quando nos posicionamos, utilizando o termo supracitado “exageradamente simplista”, não tecemos um comentário jocoso sobre a execução musical puramente. Referimo-nos aos estudos advindos de uma concentração de conhecimentos adquiridos na academia e fora dela que possam agregar valores aos seres envolvidos no processo de educação musical.

Infelizmente o olhar para a escola pública ainda é de prejulgamento quando se trata de uma educação de qualidade. Nessa afirmativa, nossa posição é de muita responsabilidade porque não citamos fatos de outras vivências, mas do que vemos e presenciamos no dia-a-dia. Quando incluirmos a música neste parâmetro, os dilemas são ampliados.

Muitas são as questões que perpassam pela falta de qualidade no que se refere ao canto coral na escola pública. Elas podem ser listadas com uma infinidade de pontos que variam de acordo com a realidade de cada escola. Anuímos aqui alguns problemas que consideramos cruciais e urgentes de resoluções, como: a falta de espaço adequado para os ensaios, indefinição dos horários para os encontros, um repertório que seja adequado a faixa-etária e a formação do professor.

ALGUÉM CANTANDO MUITO

Tratar do Canto Coral na escola exige de fato certas habilidades inerentes a este ofício. Algumas perguntas podem ser lançadas e elas denotam de fato a preocupação do regente coral para a execução de um trabalho de qualidade na escola pública: Quem é a criança que quer cantar? O que as crianças sabem sobre música? O que sabem sobre cantar? O que sabem sobre coral? Como é produzida a voz humana? O que conhecem sobre respiração, postura, afinação? Que repertório seria mais adequado para a faixa etária? Quem é o compositor da música que cantamos? Quem é você quando está cantando, como se sente?

Feitas estas indagações verificamos a importância de um planejamento guia por parte do educador musical que seja exequível. Mas as respostas as perguntas feitas e o planejamento só serão possíveis se o educador musical estiver realmente ciente do seu papel pedagógico perante os seus alunos. Para muitos, parece perda de tempo investir nestas questões, contudo, apoiamo-nos no pensamento de Gauthier (1998, p. 304) quando diz que

A prática docente aparece como uma atividade complexa que possui dimensões várias e concorrentes. Por isso, ela jamais poderá ser totalmente controlada pela ciência. Todavia [...] o professor, diante dessa complexidade tem o dever de construir uma certa ordem.

Construir uma certa ordem implica, necessariamente, em estruturar um pensamento, uma lógica com começo, meio e fim, ou seja, refletir sobre o planejamento. Infelizmente,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sabemos que há uma escassez de materiais que possam subsidiar os estudos sobre o canto coral na escola e também na formação de professores para o seu exercício. Nossa expectativa é que este trabalho seja um alerta aos profissionais que estão atuando com a prática coral nas escolas públicas.

No que se refere a formação do educador musical para o exercício do canto coral, temos pouquíssimo ou quase nenhum material. Então, diante disso, o que vemos são diversos professores com muita vontade de realizar um trabalho musical utilizando dinâmicas, mas sem a devida qualificação. Assim sendo, apontamos para o domínio das habilidades mínimas de um regente coral: conhecimento fisiológico da voz, das extensões vocais para as faixas etárias, escolha de repertório que seja adequado à escola, dentre outras. Nesse sentido, “alguma canção” pode ser entoada de forma errada, sem o mínimo de expressividade, afinação e sem uma direção correta.

FUCCI AMATO (2006), defende a consciência de que é possível executar música vocal com qualidade e que esta deve ser altamente estimulada, pois o ato de cantar está ao alcance de todo ser humano, na medida em que a produção vocal não requer investimentos além de um corpo saudável e bem educado.

Estamos vivendo um tempo em que, pedagogicamente, evidencia-se a educação pela ludicidade. Este é um aspecto que exige muito cuidado e reflexão por parte do educador musical. As vezes isso pode ser confundido com uma certa falta de objetivos. A musicalização na escola deve sim acontecer de forma descontraída, sem regras tão rígidas, mas não pode perder seu alvo principal que é uma educação musical de qualidade. Nesse sentido, Penna (1990, p.80) considera que

O mais importante é que o professor, consciente de seus objetivos e dos fundamentos de sua prática – onde a música deve ser encarada como uma produção e um meio educativo para a formação mais ampla do indivíduo – assuma os riscos – a dificuldade e a insegurança – de construir o seu caminho do dia-a-dia, em constante reavaliação.

Nossa reflexão, ao escrevermos este artigo, volta-se para o fato de que temos um material humano fabuloso em sala de aula. São pedras brutas aguardando por lapidadores. Se esta pedra não for lapidada corretamente de nada adiantará o esforço empreendido.

Diante disso, seria oportuno que em nossas academias fossem oferecidas oficinas e minicursos, ainda que de forma extracurricular para colaborar com a formação dos futuros docentes e que nelas houvessem vivências direcionadas a prática coral. É fato que nem todos têm habilidades para o exercício do canto coral, porém a formação não perpassa só para os



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que têm habilidade, mas a experiência apontará formas diversas para ampliar a educação musical na escola com qualidade. Sobre essa questão, Souza (1997, p. 19) afirma que

[...] a formação do futuro profissional em música, nos cursos de Licenciatura, não condiz com a realidade que ele vai encontrar nas escolas e que por isso é preciso mudar e inovar. Há indícios já suficientemente seguros de que a Universidade está preparando de uma forma diferente do que se precisa lá fora [...] A meu ver são essas as questões que deverão estar no centro dos próximos debates, se desejarmos uma Licenciatura realmente pautada nas necessidades atuais e condizentes com o tempo presente.

Figueiredo (1990) aponta que é fundamental a reflexão dos regentes sobre a atividade coral, assumindo sua função educacional, pois “através dessa reflexão haverá maiores possibilidades de desenvolvimento consistente do conhecimento musical, que conduzirá, seguramente, ao aprimoramento da prática coral” (FIGUEIREDO, 1990, p. 90).

Depois de certo tempo de vivências e observações sobre as apresentações de grupos de coral infantil, fica claro como os regentes ou professores destes grupos necessitam de uma formação mais aprofundada e consistente. De uma forma bem particular, concordamos com FONTEIRA (1997, p. 19) quando diz que,

A regência de um Coral Infantil exige certa predisposição daquele que busca sua prática. Além disso, alguns itens são indispensáveis: Gostar de crianças e do trabalho que vai realizar; liderança e equilíbrio; conhecimentos básicos de Psicologia infantil; Pedagogia, Domínio da linguagem musical; Prática de leitura Musical; conhecimento dos princípios de harmonia e musical; Voz clara e bem colocada; conhecimento de voz infantil; bom treinamento auditivo

Então, organizar um grupo para execução do canto coral na escola pública, portanto, torna-se bastante desafiador quando se analisa os itens mencionados. Em contrapartida se tem segurança de que o trabalho que será realizado não poderá atingir os cem por cento, mas alcançará um êxito bem maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De onde estávamos, é certo que já estamos caminhando de forma admirável. Contudo, é nosso papel, enquanto educadores na contemporaneidade, buscar respaldo em novas teorias.

Os programas de formação profissional na área da Educação Musical necessitam de uma revisão para atender as demandas exigidas ao contexto contemporâneo. Apenas diante disso, prosseguiremos na construção de processos que sejam integradores e geradores de conhecimento a partir da prática do canto coral.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Considerando que estamos reconstruindo uma educação musical para um novo tempo, nosso olhar é de confiança, pois já conseguimos avançar bastante. Ainda existem muitas inquietações sobre o canto coral na escola pública, sobre a formação do professor. Mas são estas inquietações que nos movem em busca de soluções que possam ser compartilhadas, ganhando outros adeptos, partindo não só para uma reflexão, mas de atitudes que possam colaborar com a eficiência do processo de musicalização, tão almejado por todos nós educadores musicais.

Concluimos com o trecho da música que inspirou nossa escrita para este artigo, “Alguém cantando é bom de se ouvir. [...] A voz de alguém quando vem do coração, de quem mantém toda a pureza da natureza”.

Que este som chegue em todas as escolas, em todos os espaços educacionais, sendo repassados por profissionais verdadeiramente comprometidos com a Educação Musical de qualidade.

REFERÊNCIAS

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula.** Música na Educação Básica, v.3, n.3. Porto Alegre: ABEM. p.56-67, 2011.

_____. **A formação profissional do educador musical: algumas apostas.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 8, 17-24, mar. 2003.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musica: bases psicológicas e ação preventiva.** São Paulo. Ed Alínea, 2011. 145.p

BRITO, Teca Alencar. **O humano como objetivo da educação musical-Teca Brito.pdf** disponível em: <http://www.galileo.edu/esa/files/2011/12/3>

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical.** São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001. 194p

FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. **O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de Educação Musical.** Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação – Mestrado em Música. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

FONTEERRADA, Marisa Trench de O. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação.** São Paulo: Editora da UNESP, 2005/2008.

FONTEERRADA, **Canto, Canção e Cantoria – Como montar um Coral Infantil .** SESC. São Paulo 1997.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FUCCI, AMATO, R. de C. **O Canto Coral como prática sociocultural e educativo-musical.** Opus, Goiânia, v.13, n. 1, p. 75-96, 2007.

_____. Educação musical: o canto coral como processo de aprendizagem e desenvolvimento de múltiplas competências. **XIV Encontro Anual da ABEM.** Belo Horizonte. 2005.

GAUTHIER, Clermont et al. (Org.). **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** Ijuí: Editora Unijuí, 1998

HENTSCHKE, Liane. **A formação profissional do educador musical: poucos espaços para múltiplas demandas.** In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 10., 2001, Uberlândia. Anais... Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2001. p. 67-74.

HENTSCHKE, L.; DEL BEN, L. (Org.). **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula.** São Paulo: Moderna, 2003, p. 62-76

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 65-74. 2004.

_____. **O ensino de Música na Escola Fundamental.** Campinas. Papyrus. 7ª Ed. 2010.

MENUHYN, Y.&| DAVIS C W. **A música do homem.** São Paulo Martins Fontes. 1990.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2002

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante.** Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SCHIMITI .Lucy Maurício. **Regendo um coro infantil...** reflexões, diretrizes e atividades. Revista Canto Coral, Ano II, Nº 1, 2003.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992. VILLA-

SOUZA, J. **Da formação do profissional em música nos cursos de licenciatura.** Seminário sobre o ensino de Artes e Design no Brasil. Salvador, 1997. p. 13-20

TOURINHO, Irene. **Usos e funções da música na escola pública de 1º grau. Fundamentos da educação musical.** Porto Alegre: ABEM, Série Fundamentos 1, 1993, p.91-133

WELCH, G.F. (1994). The assessment of singing. Psychology of music. 22.3-19



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O